

Trecho de Tristes Trópicos, de Claude Levi-Strauss:

No entanto, esse desenvolvimento intelectual, que eu passei junto com outros membros da minha geração, recebeu um colorido especial no meu caso pelo *intenso interesse que a geologia me inspirou desde a infância*. Conto entre minhas mais preciosas lembranças, não tanto uma expedição a uma região desconhecida do Brasil central, como uma caminhada ao longo do flanco de um planalto de calcário em Languedoc para determinar a linha de contato entre dois estratos geológicos. Era algo bem diferente de uma caminhada ou de uma simples exploração do espaço. Foi uma busca, que teria parecido incoerente para algum observador não iniciado, mas que eu considero como a própria imagem do conhecimento, com as dificuldades que ele envolve e as delícias que ele proporciona. *Toda paisagem aparece em primeiro lugar como um vasto caos, que deixa a pessoa livre para escolher o significado que se quer dar a ela*. Mas, além das considerações agrícolas, das irregularidades geográficas e dos vários acidentes da história e pré-história, o significado mais majestoso de todos é certamente aquele que precede, comanda e, em grande parte, explica os demais. Uma linha pálida e desfocada, ou uma diferença quase imperceptível na forma e na consistência dos fragmentos de rochas, evidencia o fato de que dois oceanos se sucederam, onde hoje não vejo nada além de solo estéril. Enquanto sigo os traços de sua antiga estagnação, apesar de todos os obstáculos - penhascos, deslizamentos de terra, escombros ou terra cultivada - e desconsiderando caminhos e cercas, pareço estar procedendo de maneira sem sentido. Mas o único objetivo dessa contrariedade é recapturar o significado mestre, que pode ser obscuro, mas do qual cada um dos outros é uma transposição parcial ou distorcida.

Quando o milagre ocorre, como às vezes acontece; quando, de um lado e do outro da fenda oculta, subitamente se encontram face a face duas plantas verdes de diferentes espécies, cada uma das quais escolheu o solo mais favorável; e quando, ao mesmo tempo, dois amonites com involuções desigualmente intrincadas podem ser vislumbrados na rocha, testemunhando assim de seu modo próprio um intervalo de várias dezenas de milhares de anos, de repente o espaço e o tempo se tornam um: a diversidade viva do momento se justapõe e perpetua as eras. Pensamento e emoção se movem para uma nova dimensão onde cada gota de suor, cada movimento muscular, cada suspiro de respiração torna-se simbólico de uma história passada, cujo desenvolvimento é reproduzido em meu corpo, ao mesmo tempo em que meu pensamento abraça seu significado. Sinto-me mergulhado numa inteligibilidade mais densa, dentro da qual séculos e distâncias se respondem e falam finalmente com a mesma voz.

Quando me familiarizei com as teorias de Freud, eu naturalmente olhei para elas como a aplicação, ao ser humano individual, de um método cujo padrão básico é representado pela geologia. Em ambos os casos, o pesquisador, para começar, se vê diante de fenômenos aparentemente impenetráveis; em ambos os casos, para refletir sobre os elementos de uma situação complexa, e avaliá-los, ele deve mostrar qualidades sutis, como sensibilidade, intuição e gosto. E, no entanto, a

ordem que é assim introduzida em uma massa aparentemente incoerente não é nem contingente nem arbitrária. Ao contrário da história dos historiadores, a do geólogo é semelhante à história do psicanalista na medida em que tenta projetar no tempo - ao contrário do que acontece com um *tableau vivant* - certas características básicas do universo físico ou mental. Eu posso levar adiante o símile do *tableau vivant*: o jogo chamado 'charadas' fornece uma ilustração simples de um procedimento que consiste em interpretar cada ação como a revelação ao longo do tempo de certas verdades eternas, cujo aspecto concreto as charadas são feitas para recriar no nível moral, mas que em outros campos são referidos especificamente como leis. Em todos esses casos, o despertar da curiosidade estética leva diretamente a uma aquisição de conhecimento.

Quando eu tinha dezesseis anos, fui apresentado ao marxismo por um jovem socialista belga, que eu tinha conhecido nas férias, e que agora é um dos embaixadores de seu país no exterior. Fiquei ainda mais satisfeito com Marx porque a leitura das obras do grande pensador me colocou em contato pela primeira vez com a linha de desenvolvimento filosófico que ia de Kant a Hegel; um mundo totalmente novo foi aberto para mim. Desde então, minha admiração por Marx permaneceu constante, e raramente abordo um novo problema sociológico sem primeiro estimular meu pensamento relendo algumas páginas do *18º Brumário de Luís Bonaparte* ou da *Crítica da Economia Política*. Incidentalmente, a qualidade de Marx não tem nada a ver com se ele previu ou não certos desenvolvimentos históricos. Seguindo Rousseau, e no que eu considero ser uma maneira definitiva, Marx estabeleceu que a ciência social não é mais fundada na base de eventos do que a física é fundada em dados dos sentidos: o objetivo é construir um modelo e estudar sua propriedade e seus reações diferentes em condições de laboratório para depois aplicar as observações à interpretação de acontecimentos empíricos, que podem estar muito longe do que havia sido previsto. Em um nível diferente da realidade, o marxismo pareceu-me proceder da mesma maneira que a geologia e a psicanálise (tomando a segunda no sentido dado por seu fundador). Todos os três demonstram que o entendimento consiste em reduzir um tipo de realidade a outro; que a verdadeira realidade nunca é a mais óbvia; e que a natureza da verdade já é indicada pelo cuidado que ela toma para permanecer ilusória. Para todos os casos, o mesmo problema surge, o problema da relação entre sentimento e razão, e o objetivo é o mesmo: alcançar um tipo de super-racionalismo, que integrará o primeiro com o segundo, sem sacrificar nenhuma de suas propriedades.